

PELO ENRAIZAMENTO DA HISTÓRIA, MEMÓRIAS DE EDUCADORAS SERGIPANAS SE REVELAM

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto*

Joaquim Francisco Soares Guimarães**

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa em Educação e toma por objeto de estudo as narrativas orais das professoras Acinete Almeida Bispo (1932), Janete Aguiar de Souza Cruz (1939), Josefina Batista Hora (1928), Maria Isabel dos Santos (1930), Maria Lita Silveira (1936), Maura Fontes Hora (1933) e Risoneuma Soares Feitosa (1943), residentes no município de Umbaúba, cidade localizada no sul sergipano; e tem como problemática as seguintes questões: Como as fontes orais podem ser utilizadas na pesquisa histórica? Como as memórias de educadores podem fazer parte dos domínios da História da Educação? O objetivo foi compreender como a pesquisa historiográfica pode se valer de relatos orais, sobretudo, de professoras idosas. Ao nos apropriarmos das memórias das professoras e concebê-las como fruto de sujeito fazedor de sua própria história, buscamos na História Cultural e Social Inglesa, segundo Edward P. Thompson (1981), respaldo teórico para operarmos historiograficamente por lentes “vistas de baixo”. Para tal, fizemos uso do conceito de memória de Raphael Samuel (1997). O referencial teórico-metodológico foi construído a partir da metodologia da história oral, segundo as análises realizadas por Alberti (2005). Assim, podemos concluir que, muito embora existam múltiplos debates e discussões sobre o uso da memória na pesquisa historiográfica, aqui, neste trabalho, identificamos que a memória oral em muito alimentou a História. Neste caso específico, pode-se contemplar que o uso da memória nos fez entender as práticas escolares e a cultura escolar no município de Umbaúba-SE, no período de 1955 a 1989.

Palavras-chave: Memória. Professoras. Umbaúba.

ABSTRACT

ESTABLISHED HISTORY, MEMORIES OF SERGIPEAN EDUCATORS ARE REVEALED

This article is based on a research in education and takes as its object of study the oral narratives of the teachers Acinete Bispo Almeida (1932), Janete Aguiar de Souza

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora PPG1 do Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória (GPSEHM) da Universidade Tiradentes (UNIT). Coordenadora do projeto de pesquisa “Memória oral da educação sergipana: modos de educar e práticas escolares no território sergipano”. raylane_navarro@unit.br. Endereço institucional: Av. Murilo Dantas, 300 - Farolândia, Aracaju-SE. CEP: 49032-490 Endereço residencial: Av. Beira Mar, 1500. Edf. Champs Elysée, ap.904. Bairro: 13 de julho. CEP: 49020-210. Aracaju-SE.

**Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT). Graduado em Letras Português-Inglês pela Universidade Tiradentes (UNIT). Pós-Graduado em Gestão Administrativa da Educação pela Faculdade Pio Décimo. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Educação, História e Memória (GPSEHM). joaquimsoaresguimaraes@ig.com.br. Endereço institucional: Av. Murilo Dantas, 300 - Farolândia. CEP: 49032-490 Aracaju-SE. Endereço residencial: Rua Aniceto Lima, 14 - Centro. CEP: 49260-000. Umbaúba-SE.

Cruz (1939), Josefina Batista Hora (1928), Maria Isabel dos Santos (1930), Maria Lita Silveira (1936), Maura Fontes Hora (1933) and Risoneuma Soares Feitosa (1943), who live in the city of Umbaúba, that is located in the southern Sergipe, and it has the following research problems: how oral sources can be used in historical research? How memories of educators can be part of the fields of the History of Education? Our aim was to understand how historical research can make use of oral reports, especially of older teachers. When we analyze the memories of the teachers and interpret them as the result of subjects who make their own history, we take Cultural and Social English History, according to Edward P. Thompson (1981) as the theoretical basis to historiographically interpret the data from the “selves” point of view. For that, we bring the concept of memory of Raphael Samuel (1997). The theoretical and methodological framework was built from the oral history methodology, according to analyzes conducted by Alberti (2005). Thus we can conclude that although there are multiple debates and discussions on the use of memory in historical research, in this study, we identified that memory helps a lot to know and understand history. In this particular case, we can consider that the memory data helped us understand the school practices and the school culture of Umbaúba/SE during the period from 1955 to 1989.

Keywords: Memory. Teachers. Umbaúba.

Palavras iniciais

A história implica uma série de rasuras, emendas e amálgamas bastante análogas às que Freud expõe em sua narrativa sobre as “memórias encobridoras”, em que a mente inconsciente – desagregando, encaixando as peças umas nas outras, deslocando e projetando – transpõe incidentes de um registro do tempo para outro e materializa o pensamento em imagens. [...] a memória traz o meio-esquecido de volta à vida, de uma forma muito parecida à dos pensamentos oníricos. (SAMUEL, 1997, p. 45).

Tomamos as palavras do historiador Raphael Samuel como incentivo para tecer considerações sobre o uso das fontes orais na pesquisa histórica. O pressuposto que perseguimos é que, muito embora existam múltiplos debates sobre o lugar ocupado pela memória na pesquisa historiográfica, a memória em muito alimenta a História. O presente artigo é fruto de uma pesquisa em Educação intitulada *Memórias de Educadoras Sergipanas: práticas escolares e cultura escolar no Município de Umbaúba/SE no período de 1955-1989* (GUIMARÃES, 2013).¹ Assim, com o objetivo de

compreender como a pesquisa historiográfica pode se valer de relatos orais, sobretudo, de professoras idosas, elegemos como objeto de estudo as trajetórias de vida das educadoras Risoneuma Soares Feitosa, 69 anos; Janete Aguiar de Souza Cruz, 72 anos; Maria Lita Silveira, 76 anos; Maura Fontes Hora, 79 anos; Acinete Almeida Bispo, 80 anos; Maria Isabel dos Santos, 82 anos; e Josefina Batista Hora, 83 anos, todas residentes no município de Umbaúba, cidade localizada no sul sergipano. Deste modo, nosso cenário de estudo é protagonizado pelas sete educadoras, cujos relatos orais em muito contribuem para a História da Educação sergipana, pois elas, entre 1955 e 1989, foram fundamentais para a concepção do cenário pedagógico de um tempo e lugar.

Tais sujeitos considerados anônimos, sujeitos da vida comum, cujas ações se desenvolvem em um cotidiano trivial, e cujas biografias, bustos e legados não se faziam conhecidas, são pessoas que não apresentam fatos e cenários exuberantes. E por isso não se encontravam elencadas nas listas de filhos ilustres de sua terra, tampouco seus nomes constavam nas teses e dissertações acadêmicas, estavam, pois, no “limbo” da historiografia. Deste modo, adentrar os meandros das histórias de vida de pessoas desconhecidas pode inicialmente causar em muitos uma relativa aversão, pois suas trajetórias

¹ Essa dissertação de mestrado, juntamente com mais outros sete subprojetos, fixam suas raízes no Projeto Guarda-Chuva Memória Oral da Educação Sergipana, coordenado pela Professora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. O projeto conta com o financiamento do CNPQ através dos recursos obtidos no edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES n.º18/2012 e bolsas Pibic/Cnpq e Probic/UNIT.

de vida podem aparentar ser desinteressantes, por se tratarem de mulheres simples, nascidas e criadas em cidades pacatas do sul sergipano, no início do século XX. Contudo, buscamos destacar aquilo que elas trazem consigo: suas memórias, suas reminiscências que foram capazes de revelar muito de si mesmas, da história da educação sergipana, bem como da história local.

No primeiro momento deste texto nos dedicaremos a analisar, com base nas experiências de Edward P. Thompson, Raphael Samuel e Verena Alberti, o modo como a memória foi e é usada na pesquisa histórica. No segundo momento do trabalho trazemos para dentro do texto as nossas experiências de pesquisa. Nesta etapa operamos com as narrativas das professoras envolvidas na pesquisa, a saber: Risoneuma Soares Feitosa, 69 anos; Janete Aguiar de Souza Cruz, 72 anos; Maria Lita Silveira, 76 anos; Maura Fontes Hora, 79 anos; Acinete Almeida Bispo, 80 anos; Maria Isabel dos Santos, 82 anos; e Josefina Batista Hora, 83 anos, e, a partir das suas narrativas sobre a história da educação de Umbaúba-SE, em um arco de tempo entre 1955-1989, procuramos tecer considerações sobre a importância da memória para a pesquisa histórica.

No caminho com a História e a memória: o encontro com Edward P. Thompson, Raphael Samuel e Verena Alberti

Ancorados na História Cultural e Social Inglesa, operamos historiograficamente por lentes “vistas de baixo”. A história vista de baixo surgiu com o historiador inglês Edward P. Thompson, sendo ele um dos principais expoentes do movimento que ficou conhecido como *History From Below*, a história da classe trabalhadora inglesa privilegiando seus líderes, as organizações trabalhistas, bem como, e principalmente, o trabalhador não engajado. Da mesma forma que Thompson, o historiador francês Emanuel Le Roy Ladurie, em 1970, escreve *Montaillou*, no qual ele destaca como os moradores de uma vila viviam. Para isso, pesquisou os processos da inquisição (LADURIE, 1997). Suas ideias corroeram as teorias do marxismo ortodoxo. Dessa forma, proporcionou rupturas epistemológicas no

modo de escrever a História, enveredando pela História Social e Cultural. Ao se apropriar da classe operária inglesa, proporcionou uma renovação no que tange às fontes, aos objetos e aos métodos de pesquisa, reconfigurando a narrativa histórica. Esta renovação consolidou-se com a publicação, em 1963, da obra *A formação da classe operária inglesa* (THOMPSON, 1987), na qual procurou mostrar como a “classe operária” se compôs pelas experiências vividas e não necessariamente pela divisão de classes.

E. P. Thompson (1981), assim como outros membros do grupo dos Historiadores do Partido Comunista, a exemplo de Raphael Samuel, estiveram engajados durante um tempo significativo das suas vidas como educadores de jovens e adultos em escolas situadas nas zonas periféricas da Inglaterra. Neste período, eles estabeleceram um contato mais estreito com a classe operária. Até então, seu nome não circulava nas bibliotecas das Universidades, uma vez que não possuía um trabalho voltado para a tradição acadêmica. Dentre o seu legado está o empenho junto às causas relacionadas ao meio ambiente e pacifismo, mais precisamente entre as décadas de 1970 e 1980. Neste período pesquisou em vários países do mundo, a exemplo dos Estados Unidos e Canadá, onde se dedicou à produção científica.

Uma de suas grandes contribuições à historiografia é o conceito de “experiência”. Ao analisar e interpretar o processo de formação da classe operária inglesa, ele evidencia que esta não se fez somente pelas experiências vividas nas “chaminés das fábricas”, mas pelas relações sociais estabelecidas com o mundo. O estudo de suas obras pela terceira geração da escola dos Annales na década 1970 se justifica na razão de seu pensamento estar em sintonia com a proposta historiográfica do referido movimento, que em suas publicações difundiu uma nova noção de documento, método, tempo, fonte e objeto, com o interesse voltado para todas as atividades humanas, concebendo a realidade como uma construção social, para além de privilegiar os ditos esquecidos da “história oficial”. Nessa perspectiva, a operação historiográfica tomou novos rumos, dentre eles o lugar que a memória passou a ocupar na pesquisa histórica.

[...] a memória, longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo. (SAMUEL, 1997, p. 41-45).

Nesse sentido, entendemos que a memória sedimenta e calcifica o passado, projetando o presente a partir do vivido em outrora. Desse modo, tomamos de empréstimo as inferências acima para elucidar a força ativa da memória, que está longe de ser um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem e tabulação de informações, mas possui a capacidade de se moldar pela dinâmica do constante ir e vir entre passado e presente, lembrança e esquecimento. Desse modo, a memória resolve apagar, bem como fixar, e, de forma intencional, planeja lembrar e esquecer. O historiador Raphael Samuel (1997), entre outros, dedicou-se a escrever a história protagonizada por “pessoas simples”, cujos nomes ainda não eram conhecidos em meios eruditos. Um dos grandes legados dessa corrente é a corrosão da “história única”, linear e evolutiva, protagonizada por um “sujeito único”, e a possibilidade de construção de uma nova operação historiográfica.

Raphael Samuel (1990), no intuito de fazer o uso de novas fontes históricas, apropriou-se dos testemunhos orais para a produção da história local, ligado à vida cotidiana do povo em seu tempo e lugar, bem como as mais diversas refrações das tradições orais, contemplando também, a “história vista de baixo.” Para tal, fez uso da metodologia da história oral. Em sua obra *Teatros da Memória: passado e presente na história contemporânea* (SAMUEL, 1997), o autor faz uso de fotografias na perspectiva de desmistificar as ilusões da realidade representada nas imagens. A partir de então a memória serviu de caro fio condutor para orientar os seus estudos, pois para o autor a memória não é somente um sistema de armazenamento, mas está sujeita a intervenções da temporalidade, invenções, seleções, lapsos, mutações, fissuras e plenamente rebatida ao esquecimento, formando um lugar de experiências quebradas:

a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da ‘tradição’, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Têm estampadas, as paixões dominantes de seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual (SAMUEL, 1997, p. 41-45).

Mesmo a memória sendo historicamente forjada, sujeita a mudanças em sua composição, como elucidada o autor, “mudando de cor e forma”, ela é uma representação do vivido. O que importa não é a verdade dos fatos, mas como eles se representam em quem os viveu. Um dos caminhos trilhados pela história nas terras da memória é a História Oral. Verena Alberti (2005), com relação à metodologia da história oral, a concebe como uma possibilidade de pesquisa mediada pelos processos de rememoração do passado pelo sujeito que lembra/esquece fatos, acontecimentos, personagens, tempos e lugares vividos. Assim, é fecundo estabelecer um paralelo com os fatos passados contextualizando o presente por meio da memória como grade intermediadora desse processo, uma vez que os modos de lembrar o passado colocam o sujeito em contato com as experiências do tempo presente. Dessa forma, privilegiamos o indivíduo como valor central, pois o mesmo é o lócus da memória, é nele que estão registradas as vivências.

Segundo Alberti (2005), a peculiaridade da história oral é privilegiar a recuperação do vivido conforme o concebido por quem viveu, e isto se dá com o intuito de preencher as lacunas deixadas pelos documentos escritos ou iconográficos. Portanto, a metodologia da história oral permite se apropriar de recorte ou seleção de partes que compõe o todo, pelas vozes e versões dos indivíduos. Aí se encontra a importância de “ouvir contar” as narrativas de quem viveu. Assim, podemos estabelecer mediações ente o geral e particular. Ou como melhor explicou Alberti (2005, p. 19):

ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que

nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.

A natureza do fascínio revela-se na vivacidade do passado e pelas formas de elaboração do real, bem como pela possibilidade de revivê-lo pela experiência do entrevistado. Por isso, diversos autores a nomeiam de história (ou memória) “viva”, pois a entrevista revela frações do passado centradas nas narrativas. Isso porque a memória do entrevistado dá significado ao vivido, além de trazer, para o tempo presente, a presença do passado, em conformidade com as suas formas de apropriação e significação, pois, conforme Alberti (2005, p. 18), “[...] só é possível recuperar o vivido pelo viés do concebido”, que, por sua vez, são as categorias de apreensão do real. As formas de ver o mundo são plurais.

Dessa forma, a história oral permite várias possibilidades de pesquisa. No entanto, algumas recomendações são deixadas por Alberti (2005). Segundo ela, não é tarefa fácil construir a história cotidiana das pessoas, visto que geralmente se faz revelar em situações triviais, corriqueiras, sem muita importância para quem vivencia. Por serem informações sem complexidade, abrangem os assuntos ligados ao ritmo cotidiano. Já a História Política não se dedica a estudar somente a história de grandes homens ou grandes feitos, mas também se interessa pelas diferentes formas de articulação de atores e grupos sociais, incluindo padrões de socialização e trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes às diferentes camadas sociais ou critérios referentes a sexo, cor, religião. Isso evidencia que a história oral é um procedimento metodológico aplicável e que serve a diferentes versões da história.

A história oral tem o grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Representações são tão reais quanto meios de transporte ou técnicas agrícolas, por exemplo. Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração,

de sua formação, de sua comunidade etc., elas devem ser tomadas como fatos, e não como ‘construções’ desprovidas de relação com a realidade. É claro que a análise desses fatos não é simples, devendo-se levar em conta a relação da entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes (inclusive entrevistas). Antes de tudo, é preciso saber ‘ouvir contar’: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos. (ALBERTI, 2005, p. 10, grifo do autor).

Para tal empreendimento, realizamos sessões de entrevistas² em consonância com a metodologia da história oral, que foram concedidas pelas professoras Risoneuma Soares Feitosa, em 27 de outubro de 2012; Janete de Aguiar Souza Cruz, em 28 de outubro de 2012; Maria Lita Silveira, em 09 de agosto de 2012; Maura Fontes Hora, em 11 de fevereiro de 2012; Acinete Almeida Bispo, em 17 de agosto de 2012; Maria Isabel dos Santos, em 15 de setembro de 2011; e Josefina Batista Hora, em 16 de setembro de 2012, todas residentes na cidade de Umbaúba, estado de Sergipe. Vale ressaltar que todas as entrevistas³ encontram-se armazenadas, transcritas e analisadas de acordo com o modelo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), atualmente coordenado por Verena Alberti.

Passeios da Memória em terras com História. Com a palavra: Risoneuma Soares Feitosa, Janete Aguiar de Souza Cruz, Maria Lita Silveira, Maura Fontes Hora, Acinete Almeida Bispo, Maria Isabel dos Santos e Josefina Batista Hora.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como

2 As entrevistas foram cedidas pelas professoras, a partir da Carta de Cessão de direitos, dispondo sobre os direitos e deveres do entrevistado, bem como o esclarecimento sobre uso das entrevistas para fins de pesquisa acadêmica.

3 As entrevistas totalizam mais de 15 horas de gravação em áudio e vídeo, devidamente transcritas em Microsoft Word 2010. Estas se encontram armazenadas em HD e constituem o acervo do futuro Centro de Memória da Educação Sergipana.

foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. (BOSI, 1995, p. 55, grifo do autor).

O que buscamos é entender a ponte do começo ao fim e ligar o passado ao presente. Por isso a necessidade de "ouvir contar" as sete professoras aposentadas. Parafraseando Bosi (1995), lembrar não é reviver, como um sonho ou até mesmo um devaneio do pensamento, mas um trabalho de reflexão, de compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reparição do feito e do ido, não sua mera repetição. De tal modo, pode-se conjecturar que a ação de rememorar tempos, personagens, lugares, acontecimentos e fatos não é o simples lembrar por lembrar, ou seja, uma ação voltada para dentro de si mesmo, mas um processo de significação, moldagem e seleção feita pela memória.

Através das memórias narradas pelas sete professoras aposentadas do município de Umbaúba, que demarcam suas trajetórias em tempos e locais, há um fragmento que chamou a nossa atenção, pois o vivido/experenciado é colocado de modo subjetivo, carregado de emoções, mas que fica bem perceptível, em especial na fala da professora Maria Lita Silveira:

[...] a maior tristeza na minha vida, porque moro em uma cidade que não tem história [...] Sabe meu filho: olho e não vejo nada escrito dos meus tempos de menina, sobre Umbaúba [...] Aqui tinha muita coisa bonita, que as escolas mostravam para o povo. E agora só tem as nossas lembranças, que se perderão já, pois a gente morre logo. Umbaúba não tem nada registrado sobre a educação, sobre os professores [...] O que tem, está solto, sei lá onde.

A emoção aflorada na narrativa saudosa da professora Maria Lita Silveira, quando rememora sobre tempos e lugares que estão ameaçados pelo esquecimento, nos preocupa quanto à necessidade de preservação da memória da cidade. Para que não se cumpra o esquecimento preconizado nas palavras da professora. Assim, a súplica implícita é por nós ouvida e mais uma vez visualizamos o passeio na memória em terras de história. Ouvindo-a, buscamos evidências que retratem esse tempo e lugar (quase) esquecidos. Desse modo, vimos em sua voz e na sua forma de lembrar, uma rede de significados que será útil para tecer os fios da história da educação de Umbaúba no período proposto, cujo viés nos possibilita chegar mais perto

de um passado, que vai além dos fatos registrados pelas fontes oficiais e que nos deixa mais próximos do vivido.

As palavras da professora Maria Lita Silveira retumbam os anseios por uma historiografia da educação local. Vemos então a possibilidade de contar a história da educação de Umbaúba, mesmo que parcial, através dos olhares e das práticas das testemunhas oculares dos seus fatos. Ainda que haja a impossibilidade de uma história total, de uma afirmação categórica e afirmativa sobre a institucionalização da educação na cidade de Umbaúba, buscamos indícios que permitem fazer uma reflexão acerca desse espaço temporal estudado. No diálogo com as professoras ficou evidente a utilidade das fontes orais na pesquisa histórica; evidência disso é a narrativa da professora Acinete de Almeida Bispo, quando faz referência ao desenvolvimento/evolução do campo educacional de Umbaúba sobre a década de 1970:

[...] foram muitos os investimentos que o Prefeito Adelvan Cavalcante Batista fez na educação e ensinou aos seus sucessores como fazer do mesmo jeito dele. Olha, foi assim também com o prefeito Manoel Cardoso das Virgens [Senhor Né das Virgens], e com o Prefeito Florisval Macedo Silva [Senhor Flori], tudo nessa mesma época. Eu lembro muito e fiquei feliz quando foi criada a Biblioteca Municipal, quando fez convênio com o MEC [Ministério da Educação e Cultura] para vir livros para o município. Foi uma beleza para nossa gente. A biblioteca levou o nome do Professor Dirson Maciel de Barros. Teve também a criação do Ginásio particular, mas tinha bolsa de estudo dada pelo prefeito. Esses investimentos foram muito importantes para a educação da nossa cidade.

Outro aspecto que ganhou protuberância na narrativa das nossas personagens foi a forma como as professoras eram admitidas. Deste modo, rememorou Maria Lita Silveira sobre sua nomeação na Escola Rural Municipal, na fazenda Major, município de Umbaúba:

O prefeito queria arrumar uma pessoa, para botar escola na fazenda Major [...] Ai perguntaram a minha irmã se ela queria. Ela disse: 'eu não, mas eu tenho uma irmã que sabe ler'. Ai o prefeito disse: 'mande chamar a sua irmã'. Ai fui. [...] ele mandou fazer uma conta. Passou um ditado de palavras [...] passou uma composição, que hoje é uma redação.

Mandou fazer uma cópia, uma carta, para redigir mesmo. Quando foi a tarde ele disse: ‘traga ela para saber do resultado’. Ai quando foi duas horas, meu tio me levou lá onde era a prefeitura. Ai ele disse que eu tinha sido aprovada para trabalhar.

Maria Lita Silveira foi nomeada professora mediante aprovação em uma prova aplicada pelo então prefeito da época, Adelvan Cavalcante Batista. O que se percebe com esse depoimento é que a escolha das professoras para as “Escolas Isoladas” espalhadas no município de Umbaúba perpassava pelo olhar atento do empregador, neste caso específico, do prefeito. Assim, era por meio de uma avaliação escrita que o pretendente ao cargo apresentava alguns conhecimentos básicos de escrita, através de uma redação ou composição, como era chamada na época. Em alguns casos exploravam-se também os conhecimentos matemáticos, através das quatro operações. Tais práticas contratuais revelam princípio de organização da estrutura do quadro funcional do município. Sobre o mesmo aspecto narrou a professora Maria Isabel dos Santos (D. Consuelo):

Antigamente a gente não fazia concurso. A gente quando dizia: ‘terminou de ler esses livros pesados’ chamava-se a prestar exame, a gente prestava exame e estava pronta. [...] Meus filhos são formados e eu chego e ensino aos meus filhos com esse estudo. Quando eu fiz o exame, já tinha lido aqueles livros todos, de cor e salteado [...] o certificado que ela dava: ‘Essa aqui está pronta’, pelas aquelas perguntas. Eu não tive como continuar meus estudos, que eu vim para aqui [Umbaúba] Meu pai adoeceu, eu tinha que trabalhar duro para dar comida a ele. Eu sabia ler um pouquinho e vim fazer uma prova aqui na prefeitura, pois o prefeito tinha criado mais cargos, vagas de professora primária. Fiz a prova aí me deram emprego como professora [...] Eu fui morar em uma fazenda que precisava de um professor... Eu fiz o teste para essa fazenda Cruvelo, foi o prefeito Adelvan Cavalcante. Lá não existia escola, era uma casa. Eu ensinava aos filhos de empregado, filho de patrão, alunos que vinham de outras fazendas: Vitória, Triunfo, Dois Riachos, de longe eles vinham. [...] hoje em dia é contrato, mas eu fui nomeada

Através da narrativa da referida professora é possível perceber meandros de uma história feita pelo enraizamento da memória. Girando o nosso olhar para a história contada por quem viveu,

ouvimos atentamente a narrativa da professora Maura Fontes Hora, muito embora sua narrativa tivesse atravessada por lapsos de esquecimento, mas ainda assim não perdeu o sentido histórico. Segundo Bosi (2003, p. 64), “Os lapsos, incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade [...] O silêncio do velho seria bom se correspondesse ao silêncio do pesquisador. Aprendizagem é difícil porque vivemos num moinho de palavras”. Por certo, o depoimento é um trabalho do idoso, pois o narrador, ao testemunhar seu passado, não descansa, mas está envolvido em uma ação cercada por intencionalidades e esforço de elaborar/transformar o vivido em linguagem. Assim trabalhou professora Maura Fontes Hora:

[...] agora aqui [Umbaúba,] quando eu vim ensinar... Meu Deus! Onde era que eu não lembro... Depois foi que fizeram o grupo Doutor Antonio Garcia Filho. Não! Tinha a Escola Rural. [...] Ensinei no Grupo Escolar Dr. Antonio Garcia Filho uns trinta anos. Sempre na primeira série, mas eu sempre pedia porque era menorzinhos. Os menores são melhores de pelear com eles, na brincadeira. Eu trabalhava com zelo, carinho e dedicação.

Também Josefina Batista Hora (Dona Zeolita) lembrou e esqueceu ao narrar sobre o crescimento/progresso da cidade de Umbaúba:

[...] Eu entrei, comecei a ensinar mesmo, de verdade, sendo fichada pela Prefeitura de Umbaúba, em 1955. Era no prédio da Escola Rural Municipal, mas ficava quase dentro da cidade. Cidade não, que naquela época só tinha duas ruas. Eram essas duas avenidas de hoje, pois a Escola ficava bem pertinho dessas ruas, mas era Escola Rural que chamava. Só depois de uns 15 anos foi que o Prefeito Adelvan e o Governo do Estado começaram a construir outras escolas. Primeiro veio o Grupo Escolar Dr. Antonio Garcia Filho e depois foi o Grupo Escolar Municipal Adelvan Cavalcante Batista e mais outras nos povoados que eu não lembro os nomes, sei que foram várias. Sim, teve também o Ginásio que o prefeito fez o convênio com o Instituto Diocesano da Estância e colocou um núcleo aqui em Umbaúba. Esse era particular, mas como tinha um convênio com a Prefeitura ficava mais barato. Era uma Escola muito famosa em Estância, pois era de Padres. Ai o Prefeito construiu outra escola na cidade que funcionava pelo dia para o município com o ensino primário e pela noite com o ginásio da 5ª a 8ª série. Eu lembro

que o prefeito dava bolsa de estudo para quem entrasse no ginásio. Naquele tempo muita gente queria estudar, mas não tinha como pagar. Então ele ajudava. O nome dessa escola que funcionava pelo dia era Grupo Escolar Municipal Castelo Branco. Foram muitas obras e muitas leis que seu Adelman fez. Lembro que logo ele criou o Órgão Municipal de Educação que ele fundou para tomar conta dos papéis, documentos de alunos e professores das escolas municipais, foi muito serviço na cidade toda.

Desse modo, a memória combativa ao “olvido” e suas falhas provocadas pela formidável capacidade de esquecer conferem à memória um caráter especial. Tal capacidade nos faz lembrar as palavras de Barreto, Mesquita e Santos (2013, p. 79): “No movimento de percepção da matéria-prima que compõe os fios da memória, sentimos que esta é carregada de conhecimentos, é combativa ao esquecimento é plena de esquecimentos, é individual e coletiva, é movida no entrecruzamento de espaços e tempos.” Nessa perspectiva, também esclareceu Gagnebin (1999, p. 3) sobre a importância e razão de olvidar: “[...] esquecimento que seria não só uma falha, um ‘branco’ de memória, mas também atividade que apaga, renuncia, recorta, opõe ao infinito da memória a finitude necessária da morte e a inscreve no âmago da narração.” Assim, é indispensável tal reflexão para compreender os passeios da memória em terras de história.

Corroborando com Ferreira, Fernandes e Alberti (2000), para que a pesquisa oral cumpra inteiramente seu papel é preciso conhecer seus limites e até mesmo fazer deles uma força. Deste modo, o silêncio e o esquecimento da professora Josefina Batista Hora, para muitos, podem ser entendidos como fraquezas da memória. Porém, Ferreira, Fernandes e Alberti (2000, p. 34) asseveram que a memória, na “[...] sua formidável capacidade de esquecer, pode variar em função do tempo presente, suas deformações e seus equívocos, sua tendência para a lenda e o mito. Estes mesmos limites talvez constituam um de seus principais interesses”.

E como se precisasse de um tempo para respirar e/ou como se necessitasse restaurar as forças para prosseguir sua narrativa, “Dona Zeolita”, como é conhecida, enveredou por caminhos que esclareceram melhor o modo como ela foi alfabetizada do que como alfabetizou, recorrendo desta vez ao

material que a professora Alaíde Martins utilizava com seus alunos em suas aulas de Português e Matemática, na Escola Isolada localizada na sede do município. Assim rememora Josefina Batista Hora:

Naquela época já tinha caderno e tinha papel pautado também. Tinha caderno já, tinha até uns cadernos que já vinha com umas palavras. As frases. Eu vejo muitas delas, professoras, falando que quando não tinha caderno se escrevia numa pedra. Eu alcancei esse tempo. Era isso... tinha um lapisinho. Ai fazia conta depois apagava. Apagava, era... fazia conta na pedrinha. Fazia limpinha pra poder... quando ela pedir, fazia número, os números eram tudo copiado nas pedras, era tudo assim, depois desapareceu. Eu não lembro o nome do autor, eu sei que nós estudamos no Coração de Criança. Depois de muitos anos, veio o Pequeno Escolar, agora o Coração de Criança foi primeiro, segundo, terceiro e quarto. Professora Alaíde fazia sabatina. Os meninos estudavam a tabuada e fazia as perguntas e quem não soubesse apanhava do outro com uma palmatória. Eu não apanhava muito não. Só batia. Foi assim que eu aprendi a tabuada, pois precisava para fazer as contas na loja [Bodega] de meus pais. Eu sabia muito ler e contar.

Pela narrativa evidenciada acima podemos conjecturar que a memória, além de ser individual, também é coletiva, pois a nossa entrevistada trouxe, por meio de suas lembranças, um conjunto de impressos que marcaram a memória de uma geração de professores e alunos, uma vez que educou e deixou perpetuado em um cronotopo compêndios, livros, cartilhas, lições, autores que marcaram as lembranças do viver na escola. Tais lembranças evocadas nos remetem aos primeiros indícios sobre “os saberes e os métodos de ensino” utilizados nas Escolas Isoladas e nos Grupos Escolares do município de Umbaúba, no período de 1955 a 1989. Tais saberes e métodos estão implícitos nas narrativas da professora Maura Fontes Hora, quando narrou sobre o ensino verbalizado e memorizado das disciplinas de Português e Matemática. Assim relembrou:

Eu escrevia no quadro para os alunos mais adiantados. Era assim que eu fazia meu filho, tinha que escrever no quadro. Os alunos já tinham caderno. Já os menorzinhos eu ensinava o Abcezinho deles, que eles levavam. E eu ensinava soletrando para

juntar as sílabas e depois as palavrinhas pequenas. Naquela época as mães também ajudavam, e eles iam aprendendo as letras, e iam alfabetizando, e assim continuava até que já passava pra ser mais... Já conhecendo o alfabeto, já tava alfabetizado, já passava pra um primeiro ano, do pré. Aí eu ensinava as Noções de Português e Matemática, era só o que podia dá naquela época né? Em Português, a gente ensinava o que se ensina hoje ainda né? A desenvolver a leitura, escrever, fazer os exercícios, falar das datas comemorativas que eu gostava muito, gostava de fazer muitas festinhas com eles, gostava muito de poesia. Fazia vários desenhos e levava, por exemplo: verduras para eles verem e tocarem e aprenderem vendo.

Referindo-se ao método usado nas disciplinas de Ciências, Matemática, Geografia e Estudos Sociais, relembrou Risoneuma Soares Feitosa:

Era assim: eu dava aula de Ciências com o esqueleto humano, usava o livro e mostrava os ossos no esqueleto, fazia experiência com plantas, com animais. Eu dava aula de Matemática e utilizava desenhos, figuras para trabalhar com fração, com geometria. Era assim: todo assunto que eu dava de Matemática ensinava desse jeito. Fazia leitura, fazia ditado de palavras, cópia e composição. Era assim eu colocava um cartaz no quadro e pedia pra os alunos escreverem o que estavam vendo ali no cartaz. Já Geografia e História, que era Estudos Sociais, eu fazia muitos passeios com os alunos na região para observar a natureza, o povo do povoado, os rios, a floresta, os trabalhadores e a história de cada povoado, a história da cidade. Era tudo ensinado aos alunos. Era assim que eu ensinava na quarta série.

Em relação aos passeios que eram usados enquanto ilustração para o ensino das disciplinas de Canto, Religião, Higiene etc., evocou Janete Aguiar de Souza Cruz:

Ensinava com o maior prazer, fazia porque amava a docência. Ensinava canto, religião, higiene. Fazia passeios com os meus alunos para as fazendas da região, para ensinar geografia, ciências, leitura, cópia, ditado, poesia. Já tinha livros de português, matemática e moral e cívica. Era tudo bem melhor do que na época que eu estudava.

Os saberes e os métodos de ensino utilizados por algumas delas tiveram como fio condutor os postulados do “método intuitivo”, que segundo Teive e Dallabrida (2011) é visto também como método

do “ensino popular”, e que dá condições aos alunos de assegurarem os conhecimentos de forma lógica e prática para atuarem nas suas vidas pessoais e profissionais. Tal método partia da apresentação dos objetos às crianças, seguida do seu nome e da sua estampa ou desenho, exatamente o oposto do método sintético. Pelas prescrições do novo método, a professora deveria escrever ao lado do desenho ou gravura o nome do objeto para que as crianças aprendessem a distinguir o objeto, a sua imagem e a palavra que o nomeia. Assim, tomo emprestada a definição de Vera Teresa Valdemarin (1998, p. 70): “[...] o método consiste na colocação de fatos e objetos que seriam observados pelos alunos, criando situações de aprendizagem em que o conhecimento não é meramente transmitido e memorizado, mas emerge no entendimento da criança a partir dos dados inerentes ao próprio objeto”.

Assim, as memórias aqui revelaram uma história por quem viveu, pois suas falas trouxeram à tona cenas e capítulos até então inéditos, se consultados os decretos e leis educacionais. Assim, o que vem à tona é uma história distante do que ditavam os regulamentos oficiais, é a representação do que era possível fazer dadas as circunstâncias locais, intelectuais e materiais e, portanto, nos provando que a memória em muito sustenta a História. As narrativas aqui enunciadas fizeram referência ao desenvolvimento do campo educacional de Umbaúba no arco de tempo estudado, sobre a forma como as professoras eram selecionadas e posteriormente admitidas, bem como os pressupostos dos saberes e os postulados do uso do “método intuitivo”.

Palavras finais

“A memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual ‘fica’ o que significa”. (BOSI, 1995, p. 66, grifo do autor).

Essas páginas que seguiram pelos olhos dos leitores estiveram revestidas com a intencionalidade de compreender como a pesquisa histórica pode se valer de relatos orais, sobretudo das memórias pertencentes às professoras idosas. Nessa busca seguimos um pressuposto, que aqui foi confirmado. Assim, podemos concluir que muito embora exis-

tam múltiplos debates e discussões sobre o uso da memória na pesquisa, neste trabalho identificamos que a memória, sobretudo aquela obtida a partir da metodologia da história oral, em muito alimentou a História. Evidências disso são as narrativas que aqui nos conduzem a uma historiografia, por certo pequena, mas que exemplifica significativamente como as narrativas orais são legítimas ao contar/revelar/dar a ler páginas de que compõem uma “grande” história.

Os percursos das memórias, sobretudo aquelas que emergem com a referida metodologia e cujo produto, em terras de história, não seria possível sem as aberturas feitas no campo pelos historiadores ingleses E. P. Thompson (1981) e Raphael Samuel (1997), foram para nós valiosos, pois nos permitiram ver por outras lentes e nos posicionar a partir de outro lugar, caracterizado pela simplicidade de professoras primárias do interior do pequeno estado de Sergipe, e que se não fosse a auscultação de suas lembranças/memórias acerca das suas experiências, não comporiam as fontes que revelam a história da educação sergipana. Ambos os autores nos fizeram refletir sobre o caráter inesgotável da pesquisa/escrita histórica, para além de legitimar historiograficamente a presença de sujeitos até então desconhecidos das páginas da história dita “oficial”.

Como nos faz refletir Bosi (1995), que também conduziu essas considerações, lembrar não é

reviver, mas é reconstruir o passado, mesmo que incompleto, e entre cortes e seleções fica apenas o que significa. Somamos as sábias palavras de Bosi (1995) às de Raphael Samuel (1997), quando afirmou que a memória está longe de ser meramente um receptáculo passivo, onde as informações são tabuladas de forma linear e tranquila, mas muda de cor e forma no momento em que relembra. De igual maneira, o percurso da história em terras de memória só foi possível graças ao diálogo com as professoras, já anunciadas, Risoneuma Soares Feitosa, Janete Aguiar de Souza Cruz, Maria Lita Silveira, Maura Fontes Hora, Acinete Almeida Bispo, Maria Isabel dos Santos e Josefina Batista Hora, cujas narrativas, trazidas para dentro do texto, serviram não somente para evidenciar a necessidade dos registros das histórias locais, mas, também, uma vez dentro da história, desvelar indícios ou mesmo evidências dos seus grotões. O que, nesse caso, passa pelo modo de contratação dos professores, o que inclui os processos seletivos e as “exigências” para assumir o cargo; os mecanismos, táticas e/ou estratégias para dotar um município de escolas; o desenvolvimento do campo educacional, o que também passa pela estrutura dos prédios escolares, bem como pela cultura e as práticas escolares exercidas e pelos postulados do uso do “método intuitivo”, o que nos revela o quão importante e “significativo” é o fazer historiográfico pelas narrativas orais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; MESQUITA, Ilka Miglio de; SANTOS, Laís Dias. História oral: metodologia constitutiva de narrativas históricas. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, PR, v. 5, n. 8, p. 69-89, jan./jun. 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GUIMARÃES, Joaquim Francisco Soares. Memórias de educadoras sergipanas: práticas escolares e cultura escolar no Município de Umbaúba-SE no período de 1955-1989. 2013. 157 f. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, 2013.
- LADURIE, Emanuel Le Roy. **Montaillou**: cátaros e católicos numa aldeia Occitana 1924-134. Lisboa: Lugar da História, 1997.

SAMUEL, Raphael. Documentação história local e história oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, fev. 1990.

_____. Teatros de memória. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, 1997. p. 41-81.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A escola da república**: os grupos escolares e a modernização de ensino primário em Santa Catarina (1911-1918). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A miséria da teoria** – ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v. 52, p. 74-78, 1998.

Recebido em: 18.05.2014

Aprovado em: 25.09.2014